

# O TRÁGICO, O SUBLIME E A MELANCOLIA

Volume 2



# O TRÁGICO, O SUBLIME E A MELANCOLIA

Volume 2

Verlaine Freitas  
Rachel Costa  
Debora Pazetto  
*(Orgs.)*



© Relicário Edições

© Autores

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

T765

v.2

O trágico, o sublime e a melancolia / Organização Verlaine Freitas, Rachel Costa, Debora Pazetto. -- Volume 2. -- Belo Horizonte, MG : Relicário Edições, 2016.

288 p / 2.v.

Inclui referências

ISBN: 978-85-66786-37-8

1. O Sublime. 2. Estética. 3. Arte – Filosofia. I. Costa, Rachel. II. Pazetto, Débora. III. Título.

CDD 100

#### CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif (UNICAMP)

Ernani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Marco Aurélio Werle (USP)

Markus Schäffauer (Universität Hamburg)

Patrícia Lavelle (EHESS/Paris)

Pedro Sússekind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

Virgínia Figueiredo (UFMG)

Davidson de Oliveira Diniz (UFRJ)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Máira Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia

CAPA Caroline Gischewski

REVISÃO Lucas Morais e Pedro Furtado

#### RELICÁRIO EDIÇÕES

[www.relicarioedicoes.com](http://www.relicarioedicoes.com)

[contato@relicarioedicoes.com](mailto:contato@relicarioedicoes.com)

Prefácio 7

## TRÁGICO E SUBLIME

***Gelassenheit* como experiência estética: uma contracatarse?**

*Mariana Lage Miranda* 17

**Nelson Felix: o hiato e o sublime na arte contemporânea**

*Taisa Palhares* 33

**Wittgenstein e Lyotard: jogos de linguagem estéticos  
e o sublime pós-moderno**

*Nuno Ribeiro* 43

**O trágico em Hölderlin**

*Solange Aparecida de Campos Costa* 53

**Eco e Narciso: (in)finalidades**

*Suely Aires* 69

**A dimensão do Sublime relacionada ao espaço: apreciação da  
paisagem, proteção da natureza e a perda do espaço**

*Barbara Božetka* 79

**Sobre o tempo trágico no Wagner de Badiou**

*Igor Baggio* 95

**Tragicidade antes da tragédia: a cegueira humana**

*Marcela Figueiredo Cibella de Oliveira* 107

**Olhar-se do ponto mais alto: sublime e identidade em Kant e Beckett**

*Gerson Luís Trombetta* 115

**O sublime animal: uma leitura na contramão da experiência  
sensível da (in)dignidade humana**

*Paula Fleisner* 127

## TEORIA CRÍTICA

**A obra de arte como utopia**

*Luiz Carlos Andrade de Aquino, Bruno Pucci e Artieres Estevão Romeiro* 139

**Música como política na educação musical juvenil  
da Alemanha nazista**

*Lia Tomás* 149

**“O dom de interpolar no infinitamente pequeno”:  
fantasia amorosa em *Rua de mão única* de Walter Benjamin**  
*Francisco De Ambrosis Pinheiro Machado* 157

**O conceito de catarse na filosofia de Theodor Adorno**  
*Robson Loureiro e Tamiris Souza de Oliveira* 165

## **ESTÉTICA CONTEMPORÂNEA**

**O fim do fim? Um romance contemporâneo dialoga  
com o tempo seriado**  
*Bernardo Barros* 181

**A fenomenologia do estético em *Infância*, de Graciliano Ramos**  
*Douglas Garcia Alves Júnior* 197

**A sublimação da carne: análise da série “Charques”,  
de Adriana Varejão**  
*Fábio Roberto Rodrigues Belo, Michelle Aguilar Dias Santos e  
Alice Portugal Ferreira* 209

**A estética autoral moderna: originalidade e propriedade**  
*Marco Antônio Sousa Alves* 223

**A dúvida de Merleau-Ponty: notas sobre a significação metafísica da  
pintura e a fenomenologia do olhar**  
*José Luiz Furtado* 239

**A curadoria do Museu da Acrópole e o futuro  
das Esculturas do Partenon**  
*Celina F. Lage* 257

**Às origens da partilha do sensível**  
*Jordi Carmona Hurtado* 265

**O esvaziamento da tradição e o arrendamento da crítica**  
*Rizzia Rocha* 279

## PREFÁCIO

O 12º Congresso Internacional de Estética – Brasil teve como mote principal a discussão de três conceitos: o trágico, o sublime e a melancolia, todos eles muito significativos no panorama da reflexão filosófica sobre a arte e sobre a natureza, visto que apontam para movimentos de contradição, ultrapassagem e superação da negatividade no vínculo entre sujeito e objeto, dando origem a uma grande fortuna crítica na tradição dos escritos filosóficos sobre o fenômeno estético, desde os gregos até a contemporaneidade.

Esta coletânea de palestras e artigos selecionados do evento expressa essa fortuna crítica, trazendo à tona tanto o cenário oitocentista que orienta a discussão estética contemporânea quanto suas reverberações e releituras atuais. O primeiro volume dedicou-se diretamente aos três conceitos que deram nome ao evento; este volume, por sua vez, dedica-se também a outros temas da filosofia da arte que fizeram parte das valiosas discussões realizadas no congresso. Desse modo, o livro está dividido em três partes: a primeira refere-se aos conceitos de trágico e sublime; a segunda, à Teoria Crítica; a terceira, à estética contemporânea.

Na primeira parte, em uma abordagem inusitada e atual do trágico, o artigo de Mariana Lage Miranda, “*Gelassenheit* como experiência estética: uma contracatarse?”, analisa a renovação do conceito da catarse nas teorias estéticas e literárias contemporâneas, que a concebem como aspecto comunicativo da arte. Em que medida seria possível pensar no reverso (ou avesso) dos efeitos da catarse como aquilo que pode deslocar (ou realocar) nossos sentidos e percepções nos dias atuais? No lugar do arrebatamento, efeitos de serenidade, suspensão e soltura. No lugar da comunicação estética, uma experiência epifânica de mudez e quietude. Pergunta-se, afinal, se, no mundo tecnológico-digital, a experiência de vazio, suspensão e quietude não seriam a forma possível de equalizar e/ou apaziguar o *pathos* de um cotidiano hiperexcitado e hiperconectado.

Em “Nelson Felix: o hiato e o sublime na arte contemporânea”, Taisa Palhares investiga a atualidade do conceito de sublime para a teoria e a crítica de arte contemporâneas, a partir da análise do trabalho do artista brasileiro Nelson Felix (1954). O artigo mostra que Felix não procura restaurar uma noção fetichizada de transcendência como solução ao mundo instrumentalizado pela técnica, como ocorre em algumas manifestações artísticas contemporâneas que retomam as relações entre natureza, paisagem e arte. Na verdade, o artista parece recuperar o valor reflexivo da negatividade do conceito de sublime por meio da reposição constante de hiatos em seus trabalhos.

Nuno Ribeiro, em “Wittgenstein e Lyotard: jogos de linguagem estéticos e o sublime pós-moderno”, mostra como Lyotard se apropriou do conceito de jogos de linguagem, de Wittgenstein, em seu pensamento acerca do pós-moderno. Após o retorno de Wittgenstein a Cambridge e à filosofia em 1929, encontramos uma reconsideração das temáticas relativas à Estética, que tornam possível se falar de um discurso da arte e sobre a arte. À luz desses desenvolvimentos, o autor empenha-se em elucidar a importância da obra de Wittgenstein para a contextualização que Lyotard apresenta do sublime pós-moderno no âmbito do conceito de jogos de linguagem.

O conceito de trágico também é pesquisado por Solange Aparecida de Campos Costa no artigo “O trágico em Hölderlin”, que contextualiza o ambiente no qual o poeta se insere – Romantismo, Classicismo e outros movimentos que ganham força nessa época – e analisa como o trágico surge principalmente em seus textos e ensaios poetológicos. Examinando mais intensamente as *Observações sobre Édipo*, a autora assinala elementos que são singulares na definição do trágico, como a cesura, a dupla infidelidade e o retorno categórico do deus. Esses elementos permitem que Hölderlin trate o tema do trágico a partir de uma visão completamente nova para o seu tempo, a qual propiciou o surgimento de importantes reflexões posteriores na literatura e na filosofia.

De modo mais tangencial, o trágico reaparece no texto de Suely Aires, “Eco e Narciso: (in)finitudes”. Por meio da teoria psicanalítica das pulsões e da necessária relação com a enunciação, a autora discute a dimensão trágica da relação entre corpo, voz e olhar a partir do mito de Narciso e Eco, narrado por Ovídio (43 a.C. - 18 d.C.) em seu clássico *Metamorfoses*. O artigo retorna aos ensinamentos de Freud e Lacan, em especial ao conceito de narcisismo em sua íntima relação com o corpo, para pensar um enlace

entre arte e psicanálise em um trajeto que aproxima a arte e o domínio da pulsão de morte.

O conceito de sublime, por sua vez, é abordado por Barbara Božetka, em “A dimensão do Sublime relacionada ao espaço: apreciação da paisagem, proteção da natureza e a perda do espaço”, a partir da perspectiva de um domínio espacial relativo a interações entre o conceito artístico-filosófico e a forma (sem omitir o conteúdo) do meio ambiente. A autora argumenta que a ideia do sublime expressa a capacidade da natureza de gerar afeição humana, e, portanto, ultrapassou um conceito estritamente artístico, provocando várias tendências engajadas na mudança, composição e apreciação das entidades espaciais.

Em “Sobre o tempo trágico no Wagner de Badiou”, Igor Baggio aborda a questão relativa ao tempo trágico na música e no drama musical wagneriano nos termos propostos por Alain Badiou em seu livro *Five Lessons on Wagner*. Contrariamente a Adorno, que afirma que Wagner não teria alcançado a formulação de uma experiência temporal nova na música, não sendo capaz de sustentar o conflito estético imanente entre o particular e o universal necessário à dramaticidade trágica a que almejava, Badiou visa mostrar como hoje podemos interpretar em outra chave o papel da relação entre repetição e metamorfose temporal em Wagner, o que o leva a refletir sobre o sentido estético e mesmo político de uma temporalidade trágica em obras como *Tanhäuser*, *Tristão e Isolda*, *Götterdämmerung* e *Parsifal*.

Marcela Figueiredo Cibella de Oliveira, no artigo “Tragicidade antes da tragédia: a cegueira humana”, mostra que há a presença de aspectos trágicos na primeira forma literária encarnada pela mitologia grega: a poesia épica de Homero. Tanto a loucura divina, como diz Helena na *Odisseia*, quanto a visão turvada por culpa de Zeus, como argumenta o chefe dos exércitos gregos na *Ilíada*, e a “cegueira” entendida como um limite intransponível à condição humana podem ser considerados aspectos trágicos da vida abordados pela arte grega antes mesmo do advento da tragédia.

Em “Olhar-se do ponto mais alto: sublime e identidade em Kant e Beckett”, Gerson Luís Trombetta, considerando a força negativa do sublime kantiano, analisa o romance *O inominável*, de Samuel Beckett, como um dos casos em que é possível constatar os desdobramentos da experiência do sublime. Trombetta analisa os efeitos no “eu” do encontro estético com a sublimidade, tanto em Beckett como em Kant, mostrando suas proximidades e distanciamentos.

Paula Fleisner afirma, em “O sublime animal: uma leitura na contramão da experiência sensível da (in)dignidade humana”, que é na filosofia transcendental de Kant que o sublime adquire o valor do princípio hominizador que separa o animal humano dos outros seres, ao permiti-lo experimentar na contemplação da natureza a impossibilidade de que ela expresse as ideias da razão. A irresistível força da natureza não pode nos expulsar do reino dos fins e nos permite entrever nossa natureza suprassensível. Dentro dessa perspectiva, Fleisner analisa algumas pinturas do século XIX e fotografias do XXI em que a interpretação kantiana desse conceito é colocada em xeque.

A segunda parte do livro remete-se à Teoria Crítica, que é discutida no artigo de Luiz Carlos Andrade de Aquino, Bruno Pucci e Artieres Estevão Romeiro, “A obra de arte como utopia”. Os autores desenvolvem uma reflexão sobre a obra de arte como utopia na perspectiva da filosofia de Th. W. Adorno, a partir da leitura dos aforismos “Interpretação, comentário, crítica” e “Novo, utopia, negatividade”, de sua *Teoria estética* (1982), além de outros elementos pontuais de seu pensamento. Esse exercício de reflexão é construído em diálogo com o poema “Perguntas em forma de cavalo-marinho”, de Carlos Drummond de Andrade, buscando evidenciar como sua forma comporta o movimento do social, o movimento do espírito e, ainda, a expressão do particular e do universal.

Lia Tomás empreende um rigoroso exercício crítico em “Música como política na educação musical juvenil da Alemanha nazista”, no qual analisa o importante lugar ocupado pela música durante o Terceiro Reich. Orquestras, coros e concertos realizados por amadores ou profissionais receberam amplo apoio do regime, assim como a educação musical ministrada nas escolas e nos movimentos musicais juvenis, nos quais o uso da música folclórica foi incentivado pelo Partido para inculcar sua ideologia. O artigo percorre a trajetória de parte desse movimento, bem como a recuperação, a construção e a subversão desse repertório musical para a confecção de um hinário patriótico.

Em “‘O dom de interpolar no infinitamente pequeno’: fantasia amorosa em *Rua de mão única* de Walter Benjamin”, Francisco De Ambrosio Pinheiro Machado retorna a esse experimento poético-político benjaminiano, de inspiração surrealista, que se configura como uma resposta à crise cultural e política da República de Weimar. O livro abriria um espaço possível de crítica e de atuação do literato na medida em que mobiliza o potencial disruptivo da fantasia – definida por Benjamin como “o dom de

interpolar no infinitamente pequeno, de encontrar para cada intensidade, como extensiva, sua nova plenitude comprimida”. O artigo analisa algumas imagens de pensamento para mostrar que essa dinâmica, na fantasia amorosa, possibilita ao amante apreender sua aproximação à pessoa amada como uma profunda experiência de alteridade.

A *Teoria estética*, de Adorno, também é retomada por Robson Loureiro e Tamiris Souza de Oliveira em “O conceito de catarse na filosofia de Theodor Adorno”. Os autores aproximam-se do conceito adorniano de catarse a partir de questões como: o que Adorno compreende por catarse? Sendo a catarse um conceito histórico e tradicionalmente vinculado à teoria aristotélica, em que sentido Adorno se aproxima e/ou se distancia dessa tradição? Qual a relação entre catarse e arte autêntica? Como ele vincula catarse e indústria cultural?

A terceira parte do livro concentra-se em assuntos relativos à Estética Contemporânea. O surpreendente artigo de Bernardo Barros, “O fim do fim? Um romance contemporâneo dialoga com o tempo seriado”, aborda a relação entre narrativa e a forma como o tempo é experimentado na contemporaneidade por meio do romance de Jennifer Egan, *A visita cruel do tempo*. A ideia condutora é a de que formas narrativas encontram forte ressonância quando exploram e radicalizam o modo de uma época experimentar o tempo. Nessa direção, o artigo analisa a relação entre tempo e organização fragmentária da narrativa, o radical privilégio das personagens como motor da trama, o movimento lateral do romance por conta desse centramento nas personagens, o enfraquecimento de nexos causais entre episódios e o redimensionamento da noção de fim.

Outra abordagem filosófica da literatura é oferecida por Douglas Garcia Alves Júnior, em “A fenomenologia do estético em *Infância*, de Graciliano Ramos”. O autor aponta aspectos referentes ao poder de revelação fenomenológica do universo ficcional (compreendidas aqui as memórias de *Infância*) de Graciliano: o longo e difícil processo de construção da percepção do corpo próprio, do mundo social e da linguagem, marcado pelo equívoco dos signos, pela violência arbitrária do outro e pela fragmentação do sentido do eu.

Quanto às artes visuais, o artigo de Fábio Roberto Rodrigues Belo, Michelle Aguilar Dias Santos e Alice Portugal Ferreira, “A sublimação da carne: análise da série ‘Charques’, de Adriana Varejão”, propõe uma interessante discussão a partir da psicanálise para examinar as hipóteses

de Laplanche sobre a sublimação. Em “Charques”, a dialética entre a carne exposta e as paredes de azulejo que se desfazem parece apontar para a tópica do dentro e do fora que precisa ser ressimbolizado. Do ponto de vista metapsicológico, evidencia-se a participação do recalçamento na sublimação quando, na arte, o sexual irrompe em seu aspecto mortífero.

Marco Antônio Sousa Alves assinala que a criação artística ou literária é compreendida e realizada à luz de diversos discursos e práticas que se formam e se entrecruzam ao longo do tempo nas diferentes culturas. Certamente, toda obra tem sua origem e seu criador, mas a maneira como essa origem e criação são compreendidas não é nada claro e estável. O artigo “A estética autoral moderna: originalidade e propriedade” explora certos traços da emergência da noção moderna de autor, avaliando alguns discursos filosóficos, estéticos e jurídicos dos séculos XVII e XVIII que mostram a conexão entre a originalidade da obra, a individualidade da criação e a propriedade intelectual.

O tema da pintura emerge no artigo de José Luiz Furtado, “A dúvida de Merleau-Ponty: notas sobre a significação metafísica da pintura e a fenomenologia do olhar”. O autor mostra que a filosofia da arte de Merleau-Ponty está em grande parte ancorada em suas análises da obra de Cézanne, a quem dedicou dois importantes estudos, “A dúvida de Cézanne” e “A linguagem indireta e as vozes do silêncio”. Em ambos os textos, Merleau-Ponty enfatiza o caráter principalmente expressivo do esforço criativo do artista. A arte é, sobretudo, uma das formas de expressão do próprio ser, residindo aí sua significação metafísica. Mas o que significa, afinal, exprimir, Merleau-Ponty?

Em “A curadoria do Museu da Acrópole e o futuro das Esculturas do Partenon”, Celina F. Lage discute o projeto curatorial inovador do novo Museu da Acrópole em Atenas, inaugurado em 2009. O museu foi construído com a proposta de apresentar ao visitante uma narrativa contemporânea sobre um monumento antigo, de modo que o projeto curatorial e o projeto arquitetônico do museu convergem em muitos pontos, uma vez que foram criados em conjunto. Ao mesmo tempo, a curadoria propõe a construção de novas narrativas em vista das esculturas do Partenon que estariam ausentes, vislumbrando sua reunificação no futuro.

Jordi Carmona Hurtado, em “Às origens da partilha do sensível”, investiga o contexto de surgimento desse importante conceito rancieriano, que, junto com a historicização de três regimes de visibilidade da arte, tem contribuído para recolocar, alterar e deslocar algumas das evidências

comuns e das maneiras tradicionais de pensar a relação entre a arte e a política. O conceito de “partilha do sensível”, que indica uma compreensão estética da política, surgida no decurso de uma confrontação crítica com a fenomenologia política de Hannah Arendt, leva Rancière a uma abordagem singular das práticas artísticas, que analisa sua politicidade no intervalo entre a forma da apresentação e o conteúdo sensível.

Finalizando o livro, Rizzia Rocha retoma as mudanças introduzidas na arte a partir do início do século XX, que provocaram um esboroamento dos valores da crítica fundamentados no discurso tradicional da arte. Seu artigo, “O esvaziamento da tradição e o arrendamento da crítica”, pergunta pelo que resta ao crítico diante da falência dos valores tradicionais. A resposta é encontrada na formulação benjaminiana de uma crítica produtiva. A partir da caracterização do ajuizamento tradicional da arte, a autora argumenta a favor da necessidade de uma reconfiguração do conceito de crítica, articulada com base no pensamento de Walter Benjamin. Nessa reconfiguração não há uma prescrição normativa para o julgamento das obras, porquanto crítica é uma questão de perspectiva em relação ao objeto, de correto distanciamento.

Como este livro se origina da realização do Congresso Internacional *O Trágico, o Sublime e a Melancolia*, agradecemos os apoios financeiros prestados pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da FAFICH-UFMG, pelo CNPq, pela Capes e pela Fapemig, sem os quais tanto a realização do evento quanto a publicação do livro não seriam possíveis.

**Verlaine Freitas**

**Rachel Costa**

**Debora Pazetto Ferreira**

Belo Horizonte, março de 2016.